A REALIDADE EM EXISTÊNCIA

o Princípio Absoluto da Existência

Heitor A. Chierentin

Título: A Realidade em Existência – O Princípio Fundamental da Existência

Autor: Heitor A. Chierentin

Ano: 2022

Edição: 1°

Prefácio

Quando os clichês e os "porque sim" populares já não saciam uma mente ávida por respostas consistentes, nessa fase o intelecto curioso se torna autótrofo, elaborando o discurso que lhe persuada.

Eu tinha acabado de dar uma palestra quando um casal me apresentou a filhinha com sua pergunta tão profunda: "Como Deus surgiu?" Prometi a eles que, quando eu descobrisse a resposta, a garotinha seria a primeira a saber.

Certamente não era a primeira vez que eu mesmo me questionava assim. Desde de sempre o faço.

Porque as coisas existem? Como é possível que existam? Como é possível até mesmo existir?

Convido você, leitor, pensador franco, a ler esse meu ensaio filosófico. Prometo, no mínimo, te surpreender com meu argumento!

Heitor A. Chierentin

Sumário

A Realidade e a Existência.....pg 05

A Origem do Cosmo e da Vida.....pg 09

A Causalidade no Mundo Material.....pg 23

Fora, à Parte ou Antes do Universo....pg 28

O Princípio Absoluto da Existência.....pg 36

A Existência de Deus.....pg 49

O Tetragrama e a Existência de Deus...pg 57

O Princípio da Criação.....pg 67

A Existência Humana.....pg 88

A Realidade e a Existência

Tão antiga quanto a sua própria existência, é essa característica humana, que lhe pertence e é inerente, a saber, a faculdade de raciocínio e o consequente hábito do indivíduo de questionar e contestar o ambiente em que está imerso.

Esse ambiente, cada um de nós, humanos inteligentes e conscientes, percebemos e nele atuamos. Por fim, nós o aceitamos como a Realidade.

Mas o que é “realidade”? Se nossa percepção depende essencialmente dos órgãos de sentido, se o que percebemos no cérebro não passa de um montante de sinais nervosos processados que relacionamos ao ambiente que nos rodeia, o senso de realidade pode ser muito relativo. Isso se comprova por meio das ilusões de óptica afins e outras. Tampouco se pode ter a certeza de que aquilo que um indivíduo percebe em sua mente seja exatamente igual ao que outro o faz. De modo que mesmo aquilo que se classifica como “realidade” pode ser relativo.

Porém, o método científico pressupõe a aceitação da existência física como realidade. No mínimo, mesmo com alguma relatividade, podemos considerar como verdadeira, ou "verdade", a impressão que o indivíduo deriva do ambiente sob sua perspectiva. Nesse caso, a Realidade seria uma soma de todas as possíveis perspectivas, ou "verdades". Assim, apesar de infinitamente diferente da impressão individual, uma Realidade absoluta deve existir de algum modo invariável e independente. Seja essa Realidade material ou virtual, física ou imaginária, em qualquer plano ou dimensão possível, o caso é que se acha existente.

Sendo assim, começo por aceitar o raciocínio cartesiano "*cogito, ergo sum*", ou "penso, logo existo". Pois, para a argumentação que desenvolverei acerca da existência, a natureza da Realidade é indiferente. O fato é que tudo quanto se possa agrupar dentro dum todo considerado como "realidade" existe. As coisas de algum modo existem. Nós existimos. Eu existo e estou aqui discorrendo acerca de toda a realidade existente.

Mas o que é a Existência? O que é "existir"?

Existir é "ser" ou "estar". Haja visto que em alguns idiomas tem-se um mesmo verbo para exprimir os dois conceitos intimamente relacionados. Relacionados, porém distintos.

A Realidade em Existência

"Ser" tem a ver com a essência e qualidade do objeto ou sujeito, suas características próprias e identidade, independentemente do tempo ou espaço, salvo em locuções específicas onde o contrário é subentendido.

"Estar" tem a ver com a condições, situação variável ou status do objeto ou sujeito, relativos ao tempo e ao espaço etc.

Ao longo de toda a minha argumentação, usarei o verbo "existir" me valendo dessa ambiguidade "ser/estar", num sentido independente e indiferente ao tempo, à condição ou qualidade do objeto/sujeito. Essa semântica se mostrará muito útil à demonstração dos meus argumentos.

Pois bem, a aceitação da realidade existente, assim como a aceitação da própria "Existência", desencadeia uma questão fundamental que, de um modo ou de outro, sempre incomodou aos grandes pensadores: *como e por que as coisas existem*.

Como é possível que todas as coisas existam? Como é possível existir?

Não raro essa questão se desdobra em outras: Como tudo começou, se é que houve um princípio? Por quê tudo aconteceu ou acontece?

Quando essas questões se enviesam pelos campos da Ciência, se tornam em outras como, por exemplo: Como a vida surgiu? Como evoluiu, se é que a evolução ocorreu? Como o Universo surgiu? O que havia antes? Esse tipo de questionamento se refere principalmente ao modo como as coisas existentes ocorreram ou ocorrem.

Todavia, as questões anteriores também acabam por se enviesar no terreno da Religião. Isso se dá em especial quando se busca um sentido, significado ou propósito nas coisas existentes. Por que existimos? Por que o ser humano é uma espécie tão ímpar? Será que o mundo foi criado? Qual o propósito de tudo? Existe um Criador? Deus existe?

Todas as questões anteriores, seja de modo ou sentido, em geral se entrelaçam e se misturam. Em última análise, se resumem a questionar e explicar a Existência.

A Origem do Cosmo e da Vida

Para o indivíduo mediano, materialista, as questões existenciais não costumam causar preocupação. As pessoas comuns, normalmente práticas, tendem a concentrar seus interesses e atenção em assuntos seculares e corriqueiros. Em geral, estes assuntos são pertinentes à sociedade em que vivem ou à sua vida privada. Numa perspectiva temporal, a vasta maioria desses assuntos de interesse se concentra numa faixa de tempo correspondente a sua geração.

Além disso, as pessoas geralmente contemplam a realidade como constante. Pressupõem que “as coisas sempre foram assim” ou “o mundo sempre foi mundo”. Desapercebem que, mesmo a história humana é fruto de um desdobramento de épocas em processo, que grandes transformações têm sido experimentadas entre as eras (e, recentemente, até entre as atuais gerações) e que tudo naturalmente deve ter tido um início.

Ora, quando se contempla a natureza, o Universo conhecido, seja através do espaço sideral ou pela vida abundante em nosso planeta ímpar, o que se percebe é a inerente tendência à "continuidade". O cosmo possui leis físicas aparentemente imutáveis de conservação de energia e massa. Os organismos vivos se reproduzem indefinidamente. Suas próprias células são programadas para se auto copiar e se multiplicar em ciclos que tendem à continuidade.

Essa continuidade aponta para a eternidade. Mas essa continuidade por si só não é capaz de explicar sua própria existência. É como se, observando fixo o giro da roda, alguém tentasse entender de onde procede e para onde se destina o veículo.

É por causa disso que a ciência moderna, em oposição à ideia de Deus ou de elementos sobrenaturais, endossa o conceito da Evolução como explicação corrente para a origem e desenvolvimento do Universo conhecido, seja no que se refere ao cosmo ou à vida e, por consequência, a espécie humana. Isso muito embora a suposta evolução atribuída à natureza escape ao método científico, já que não pode e nunca pôde ser constatada de fato, muito menos replicada em laboratório.